



METRÓPOLES E O DESAFIO URBANO FRENTE AO MEIO AMBIENTE

- COL. SUSTENTABILIDADE - VOL. 6,
BLUCHER, JOSÉ GOLDEMBERG,

ROMÉRO, MARCELO DE ANDRADE;
BRUNA, GILDA COLLET.

ISBN: 8521205740

Vladimir Bartalini

UM DESAFIO PARA TODOS NÓS

Metrópoles e o Desafio Urbano frente ao Meio Ambiente é o título do sexto dos dez volumes da *Série Sustentabilidade*, idealizada pela Editora Blucher. O crescimento urbano, enquanto fenômeno planetário que afeta nações, grupos sociais e indivíduos, interessa a todos, acadêmicos ou não. Movimentos sociais e partidos políticos, que incluem em suas pautas as chamadas questões ambientais, dão provas da importância e da abrangência que o assunto ganhou nos últimos decênios. Ele se manifesta ainda na arte, na literatura e em campos disciplinares diversos, como a geografia, a demografia, a sociologia, a psicologia, entre outros, que têm se voltado ao estudo do direto do fenômeno ou de suas consequências.

Dos arquitetos-urbanistas espera-se, com razão, uma palavra a respeito do impacto da metropolização sobre o meio ambiente. Não soluções acabadas, mas uma palavra que ajude a entender o que se passa e que também aponte alternativas para a ação. Missão difícil, para a qual a Editora convidou dois arquitetos-urbanistas experientes: Gilda Collet Bruna, que já ocupou a presidência da Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa, e que vem se dedicando, academicamente, aos temas “desenvolvimento sustentável”, “ambiente construído e impacto ambiental”, “gestão ambiental e meio ambiente”; e Marcelo de Andrade Roméro, com vasta e reconhecida trajetória de pesquisa em conservação de energia em edifícios, considerando desde o processo que os produz até a sua efetiva ocupação.

Os autores devem ter sentido a enormidade do desafio e a impossibilidade de tratar o tema no seu âmbito mundial. Concentraram-se em São Paulo, caso já suficientemente complexo, e abordaram os impactos da urbanização no meio ambiente sob dois enfoques, que correspondem às duas partes em que o volume foi organizado: uma trata de gestão ambiental e

políticas públicas; a outra, de política pública de energia, onde são analisados aspectos de demanda e de inovação tecnológica. Apesar de não indicadas nominalmente, são de fácil reconhecimento as contribuições de Gilda Bruna na primeira parte e as de Marcelo Roméro na segunda. Desta forma, vêm consideradas neste volume as duas extremidades escalares do extenso arco de atuação do arquiteto-urbanista: a do o território e a do edifício, ou objeto, na sua inserção urbana.

Na primeira parte é feita, preliminarmente, uma recapitulação das iniciativas para a gestão das metrópoles, recuperando-se os passos para a instituição das regiões metropolitanas e da criação dos instrumentos para a sua gestão – leis, planos, programas – com destaque para as águas. A exposição dos problemas ambientais decorrentes do espraiamento das metrópoles vem sempre precedida de considerações de ordem geral, num esforço de situar o fenômeno no contexto das grandes transformações tecnológicas que afetaram todos os setores da economia, do industrial ao de serviços, com fortes rebatimentos no espaço urbano.

São igualmente tocados, em simultaneidade com aqueles ambientais em sentido estrito, outros pontos sensíveis que marcam a vida nas metrópoles contemporâneas: o problema da habitação e dos transportes, a cidade ilegal, os interesse imobiliários.

A preocupação em elencar tantos fatores, ademais fundamentais, em pouco espaço força o tratamento sumário e leva, por vezes, a cortes bruscos. Difícil ser diferente, dada a natureza e a complexidade do assunto. Deve-se reconhecer, de todo modo, o mérito de considerar o conjunto dos fatores intervenientes e, também, de apresentar frequentemente “o outro lado da questão” – efeitos e contrafeitos das leis e mesmo divergências de interpretações dos fenômenos entre os vários autores trazidos como referência.

Com o tratamento equidistante perde-se, no entanto, a oportunidade de ver expressos os pontos de vista da responsável por esta primeira parte do volume o que, sem dúvida, interessaria muito, dada a sua experiência no trato com o tema. De fato, uma das questões mais nevrálgicas a respeito da gestão do espaço metropolitano em geral e do seu meio ambiente em particular, está na defasagem entre o aparato legal, as boas intenções e as bem fundamentadas justificativas das leis, por um lado, e a produção real do espaço da metrópole, por outro. A implementação de políticas públicas para o meio ambiente metropolitano enfrenta um jogo de forças nada equilibrado. De uma parte, os que obtêm lucros fabulosos investindo no espaço da metrópole, e cuja preocupação ambiental está voltada, na melhor das hipóteses, à valorização da mercadoria que põem à venda. De outra, a sociedade (se assim se pode chamar a reunião de grupos que habitam a metrópole), a qual, teoricamente, tem garantida a sua participação nas decisões que afetam o espaço urbano, mas cujo grau de articulação é insuficiente para realmente influenciar nas decisões. Entre as duas partes, o gestor das políticas públicas. Trazer à luz os entraves desta função contribuiria certamente para o avanço da questão.

Na segunda parte do volume o assunto é a energia demandada pelas metrópoles. Uma breve e suficiente introdução situa o momento atual em relação aos ciclos precedentes, considerando a correspondência entre urbanização e

¹ Nos volumes da *Série* são tratados os seguintes temas: 1. População e Ambiente; 2. Segurança e Alimento; 3. Espécies e Ecossistemas; 4. Energia e Desenvolvimento Sustentável; 5. O Desafio da Sustentabilidade na Construção Civil; 6. Metrôpoles e o Desafio Urbano; 7. Sustentabilidade dos Oceanos; 8. Espaço; 9. Antártica e as Mudanças Globais; 10. Energia Nuclear e Sustentabilidade.

² Rosario Assunto, "Paesaggio, Ambiente, Territorio. Um tentativo di precisazione concettuale", in *Bolletino del Centro Internazionale di Studi di Architettura Andrea Palladio*, Vicenza, 1976, pp. 45-48. Também em Adriana Verissimo Serrão, *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*, Lisboa, centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, pp. 126-129.

fontes de energia. Desde que o fenômeno urbano começou a ganhar ímpeto com a industrialização, no século 19, as fontes de energia a ele associadas, e que o caracterizaram em cada período, variaram: o carvão, numa primeira fase; o petróleo, na seguinte; atualmente estaríamos passando por uma transição (mas haveria situação que não fosse transicional?). Os presságios são os carros movidos à base de biocombustíveis, eletricidade, compostos de hidrogênio e as várias "soluções híbridas". As possibilidades de obtenção de energia a partir de fontes renováveis e a custos competitivos são aventadas, assim como as oportunidades oferecidas pela reciclagem de materiais o que os faria retornar, ao menos parcialmente, para a cadeia produtiva.

De todo modo, tanto a extração direta quanto a reciclagem de materiais demandam energia e causam impacto ambiental. São então postas à mesa visões divergentes quanto ao aquecimento global: a dos cientistas que atribuem à ação humana a responsabilidade pelo atual aquecimento e a dos que o interpretam como mais um dos ciclos a que a terra sempre esteve sujeita. As informações sobre as demandas energéticas nas cidades contemporâneas e os modos de atendê-las também são expostos numa linguagem acessível para leigos.

Esta preocupação didática, de enunciar problemas, situá-los, atualizá-los, cotejar visões distintas sobre eles, este cuidado que se completa nos quadros sinóticos, gráficos e tabelas, de certo vêm ao encontro do que parece constituir o objetivo mais imediato da *Série Sustentabilidade*¹, ou seja, o da divulgação ampla dos impactos causados no meio ambiente, humano e natural, pelo crescimento econômico descontrolado. Em suma, uma exposição do estágio crítico em que se encontram, no momento, as relações entre as metrôpoles e o meio ambiente, valendo como um convite ao exame mais acurado de suas diversas facetas.

De um modo geral, o pequeno livro *Metrôpoles e o Desafio Urbano* toca em grandes problemas que, inevitavelmente, levam a pensar não só nas razões que conduziram a nossa civilização até este ponto, como também a indagar o porquê dos impactos ambientais, apesar da consciência que temos atualmente da sua gravidade, se apresentarem a nós como algo ainda exterior, um tanto distanciado. Uma explicação e mesmo uma diretriz talvez possam ser encontradas nas palavras de Rosário Assunto a respeito da oportuna e necessária distinção entre território, ambiente e paisagem:

*(...) o ambiente, enquanto ambiente puro e simples, é uma mera abstração, assim como seria irreal o conteúdo de um livro, poesia ou romance sem a realidade em que se exprime modelando uma matéria verbal (...), e como é abstração irreal a função de um edifício (...) se não se exprimir como forma na qual se modelou uma matéria (...); então, a realidade que devemos estudar e sobre a qual, se necessário, devemos intervir é sempre a "paisagem", e não o "ambiente" e muito menos o "território"*².

É plausível aventar a partir daí que, para alcançar a importância que merece, a questão ambiental deva ser colocada como uma questão de paisagem, vindo assim a nos afetar de um modo direto, material, concreto, atingindo-nos por inteiro e com toda a sua urgência.

Se não toca explicitamente nestas questões (não é este o escopo do livro, embora o tema as suscite) e se nem sempre chega a esboçar hipóteses para explicar o porquê das falhas contumazes das políticas metropolitanas, o sexto volume da *Série Sustentabilidade* atualiza o leitor interessado e fornece indicações para o aprofundamento de seus inúmeros aspectos, todos merecedores de atenção.

Vladimir Bartalini

Possui graduação, mestrado e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. Professor dos cursos de graduação e de pós-graduação da FAUUSP, onde orienta alunos de mestrado e doutorado na Área de Concentração Paisagem e Ambiente. É membro fundador do Laboratório Paisagem, Arte e Cultura - LABPARC/ FAUUSP, o qual coordenou de 2002 a 2006, desenvolvendo estudos teóricos sobre paisagem e pesquisa sobre "Córregos Ocultos". Tem experiência profissional em projetos e consultorias em Paisagismo, atuando principalmente em espaços livres, áreas verdes e parques públicos. Colabora com a Diretoria Científica da Fapesp emitindo pareceres sobre projetos de pesquisa enviados à Fundação.

Rua do Lago - Cidade Universitária
05508-080 - São Paulo, SP
011) 3818-4535
bartalini@usp.br